

**COMPANHIA DE MARIA  
MISSIONÁRIOS MONFORTINOS**

**NOTÍCIAS  
ACERCA DO NOSSO PEREGRINAR  
SEM FRONTEIRAS  
2017-2020**

**Outubro 2020**

Depois do último Capítulo geral em Roma, a pequena Companhia de Maria continuou a caminhar. Por vezes depressa demais, e outras vezes, mais devagar. Por vezes em grupo compacto, e outras vezes apenas os pioneiros mais rápidos....mas todos, e cada um à sua maneira, foram-se deslocando. Isso merece o nosso reconhecimento, dando graças Àquele que o tornou possível.

Neste presente opúsculo pretendemos dar-vos conta do caminho percorrido...sem exageros de otimismo nem de cínico pessimismo. Seja tudo pelo prazer da partilha, assim como pela alegria da fraternidade. Estas informações são consequência das vossas reações à carta do Superior Geral Luiz Augusto Stefani de 24 de Janeiro de 2020 e dos testemunhos dos Conselheiros Gerais. Claro que estas reações não refletem a grande riqueza de tudo quanto foi vivido, mas são simples traços que dão luz a alguns aspectos.

Eis aqui algumas novidades interessantes – umas positivas e outras negativas – de uma caminhada que avança para o próximo Conselho Geral Extraordinário – CGE 2021.



## COMO PONTO DE PARTIDA:

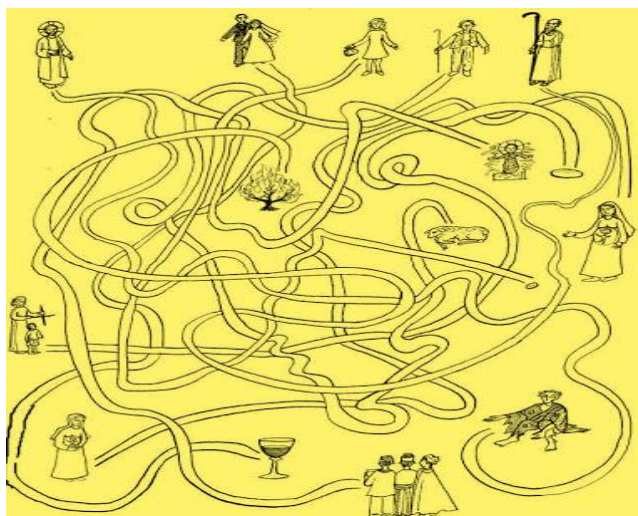
Após um Capítulo geral muito fraterno e criativo, em Roma, tomámos aí a decisão de atravessar as fronteiras, mas depressa demos conta que estas eram numerosas, aliás mais do que tínhamos previsto:

- **as fronteiras que se encontram em cada um de nós mesmos:** as nossas limitações psicológicas e de saúde, as nossas limitações no que toca à vida fraterna, à missão... e, além disso, havia que contar com o cansaço, o envelhecimento, as desilusões... A lista até seria longa, mas, infelizmente, realista. E havia também o antídoto: estava presente o Espírito que tinha soprado no Capítulo e que misteriosamente dava sequênciã à sua obra e desejo de uma fraternidade internacional mais intensa.

- **as fronteiras que dizem respeito aos nossos recursos:** e não nos referimos apenas aos recursos financeiros (sempre insuficientes e mal repartidos), mas também aos recursos humanos. Nunca fomos muito numerosos, e estamos sempre a pensar que nos falte gravemente a força necessária para responder aos desafios que aparecem, a emergências ou novos projetos.

- **Ainda as fronteiras das línguas, do acolhimento fraterno, do medo da novidade** (*a neofobia, dizem os espertos!*), o medo por não vir a ter os mesmos hábitos e os mesmos pontos de referimento...

- A agravar a situação chegou também **a fronteira da Covid-19** que nos confinou a todos dentro da própria casa, separando-nos uns dos outros, excetuando a comunicação através da internet. Obrigado aos inventores do *Zoom*, do *Skype* e de outras tecnologias.



### **MAS, APESAR DE TUDO ISSO,**

estes três anos proporcionaram-nos muitíssimas viagens, umas mais distantes e outras mais curtas, mas em todas foi necessário pôr energia, generosidade e audácia. Houve nisso um atravessar, também, de belíssimas fronteiras. Ainda que não tenhamos muitos recursos, mas não deixa de existir em cada um de nós uma força interior que nos empurra a abrir-nos a novas missões, em novos países, a atravessar fronteiras novas que julgávamos impossíveis de superar.

É isto mesmo que nos propomos partilhar neste pequeno opúsculo, verdadeiro alimento que nos dá ânimo para continuar a caminhada, todos juntos, no respeito pelas nossas diferenças, e que nos vai levar ao próximo CGE—2021. Não têm faltado as dificuldades; não é preciso enganar-nos a nós mesmos; o mais importante é darmos uma olhadela ao que está a andar bem e agarremos isso como a nossa “*estrela da manhã*”.

## Tivemos TRAVESSIAS GEOGRÁFICAS...

Já foram realizadas diversas travessias e de formas diferentes.

- 30 confrades deixaram já o seu próprio País para se deslocarem para outro e aí realizarem a missão monfortina: 6 do Haiti, da Indonésia, de Madagáscar, da África francófona, 4 da Índia, 1 de Itália e das Filipinas.

- Diversas entidades acolheram confrades que não conheciam. O Canadá recebeu confrades do Madagáscar e do Haiti; os Países Baixos acolheram confrades vindos da Indonésia; a Bélgica acolheu confrades da Delegação Geral para a África Francófona; a Nicarágua acolheu um confrade indiano; o Brasil um confrade da África francófona e da Índia; a França acolheu confrades oriundos do Madagáscar, da Indonésia, da Itália e Haiti; a Grã Bretanha das Filipinas; Portugal um diácono da Indonésia; a Itália um confrade da Índia; a Papuásia dois jovens da Delegação da África francófona.

Claro que estas mudanças (*travessias*) não são fáceis nem para quem parte, nem para quem acolhe, apesar da melhor boa vontade do mundo. Temos que ser formados “*ao acolhimento sem fronteiras*” quer para quem parte quer para quem acolhe. Outro exemplo: o acolhimento de missionários na Papuásia Nova Guiné, oriundos da Índia, das Filipinas, da Indonésia, de Madagáscar e da Delegação geral da África francófona vivem uma autêntica dimensão da Igreja universal. Cada um destes confrades teve que adaptar-se e abraçar a cultura do outro e, assim, testemunhar em verdade a boa nova da salvação. Nos Estados Unidos está em curso um processo de discernimento para saber como acolher os missionários e o terreno de trabalho que se lhes deve oferecer.

- As nossas comunidades internacionais (*por exemplo, quatro na França*) são bons laboratórios para se viver neste mundo globalizado e assim descobrir a riqueza cultural de todos.

- Em certos países e entidades aumentámos a nossa área de missão. De modo particular podemos citar a Índia, que assume a nova missão na Austrália, na África anglófona que está iniciando a sua presença missionária na Zâmbia e no Quênia. Também em Madagáscar foram confiadas aos nossos missionários mais duas paróquias. No Uganda as nossas duas comunidades estão muito empenhadas na missão. Para a Delegação da África francófona foram abertas duas novas paróquias no Congo e uma no Burundi. Os projetos para se estabelecer no México e Vietnam estão progredindo. No Haiti duas dioceses acolheram novos missionários. Também foram constituídas duas comunidades missionárias em Kalimantan ( Indonésia). Da Papuásia Nova Guiné vem o pedido insistente da parte do bispo monfortino, Dom Rosário Menezes para ir trabalhar na sua diocese.

- A Administração geral – o padre Luizinho e (ou) um Assistente - antes do confinamento na Itália, visitou quase todas as Entidades em vista de reforçar a união e a fraternidade. O acolhimento foi fraterno por toda a parte, mas de modo especial na Ásia onde constatámos toda a espécie de manifestações culturais.

- Zoom fez-nos viajar durante o período de confinamento: foram realizados onze encontros com todos os membros do Conselho Geral através da Internet, tendo-nos permitido comunicar com USA, com a Indonésia, Itália, França, Portugal, Grã-Bretanha, Bélgica e Alemanha. Outros encontros muito importantes foram realizados com o Peru- Brasil, com a Papuásia Nova Guiné, com as Filipinas, Colômbia e Equador.

## APESAR DOS OBSTÁCULOS CONSEGUIMOS TAMBÉM CONSTRUIR PONTES



### ALGUMAS CONVICÇÕES

- O futuro da nossa congregação está ligado à nossa travessia de fronteiras, à nossa capacidade de sair dos nossos territórios. As experiências vividas nestes últimos três anos mostram bem o bom fundamento desta dinâmica: assim o futuro aparece mais luminoso naquelas entidades que se lançaram nesta aventura.
- Para viver a Igreja, temos que ter uma visão cada vez mais larga da missão, temos que abandonar hábitos e tradições culturais e ousar ir à aventura do Outro e do outro, mesmo que isto seja difícil e até com perigo de nos paralisar; a alegria e a vida encontram-se no termo da empreitada.
- Construir pontes entre nós é surgente de enriquecimento evangélico e de alegria fraterna se nos prepararmos espiritualmente, culturalmente e teologicamente.

## Houve também TRAVESSIAS INSTITUCIONAIS

Estas travessias foram mais do que simples mudanças marginais. Provocaram transformações reais na cultura da congregação ou em entidades. Isso também ajudou a reforçar todo o corpo. A equipa da Administração geral é a primeira interessada na procura desta nova cultura participativa.

- Desde o último Capítulo geral foram empossados 20 responsáveis de entidades, o que prova a nossa capacidade de nos deixarmos renovar institucionalmente, ainda que em muitas entidades não tenha sido fácil.

- Na região da África, foi posta em marcha, com maior ênfase, uma melhor *leadership*, mais participativa (comissões) e também acerca da integração de confrades novos no desempenho de responsabilidades. Encontros a diversos níveis foram também realizados (mas a Covid 19 bloqueou várias destas atividades). Na América latina foram muitas as iniciativas onde os encontros tiveram maior participação, com tomadas de responsabilidade colegial para o futuro e de reflexão acerca da missão monfortina.

- Em certas entidades como no Canadá foi feita e posta em marcha uma planificação para o futuro, incluindo leigos na gestão e revigoração de obras. Noutras entidades foi reduzido o património imobiliário (por exemplo no Reino Unido) e foram reestruturadas algumas comunidades para ficarem adaptadas ao número de confrades. Foi também encerrada a presença monfortina na Argentina.

- Algumas entidades conseguiram pôr em marcha uma organização mais centralizada e eficaz para a administração e transparência nas finanças. A Papuásia adquiriu a sua autonomia em relação à diocese. No Malawi foram reorganizadas algumas instituições como TV e gráfica.



- Algumas entidades fizeram um esforço para melhorar o seu próprio financiamento e assumiram o encargo para uma maior autonomia financeira. Na Indonésia foram edificadas casas para permitir às andorinhas poderem aí fazer os seus ninhos, tornando-se assim fonte de rendimento no ramo da medicina e alimentos; não falta criatividade. Em Madagáscar procura-se cultivar o próprio arroz. Na Delegação geral da África anglófona os arrendamentos de imobiliários também lhes produzem algumas entradas financeiras. No Peru um projeto agroflorestal consegue financiar a formação; na Colômbia um projeto de reflorestação é fonte de rendimento para pagar despesas. Para outras entidades, porém, o autofinanciamento torna-se difícil para além das ajudas que provêm de trabalhos pastorais e aí a situação económica torna-se ainda precária. Devemos ainda sublinhar a criatividade económica dos nossos três confrades na Polónia e os esforços da Bélgica para sair das suas dificuldades financeiras.

- O relacionamento entre algumas entidades e a Administração geral tornou-se mais fluida e clara, permitindo uma animação mais eficaz. As entidades da Europa que receberam missionários partilham com prazer esta experiência, encontrando nisso maior dinamismo e alegria.

- Para muitas entidades a prioridade das suas escolhas foi procurar pôr em prática as resoluções do Capítulo geral; estes temas foram debatidos, por exemplo, em encontros no Malawi, na Indonésia e na Colômbia.

- O trabalho das comissões gerais – foram criadas oito – é uma pedra angular para esta travessia. Torna-se, ao mesmo tempo, o pôr em marcha uma governação mais participativa e é ainda um meio para fazer vir ao de cima ideias que são comuns a todos, pontos novos de relacionamento institucional; nestas comissões, foram envolvidos 33 confrades e 5 leigos, embora a Covid 19 não tenha permitido um trabalho regular.

+ *a Comissão para a Missão*: houve apenas um encontro para definir o objetivo: partilhar as experiências missionárias que se estão vivendo a fim de que surja um estilo apostólico “à la Montfort”.

+ *a Comissão das Comunicações foi posta em marcha, assim como um Comité para a Redação do Écho Montfortain*. Este último também recebeu um novo formato, recebendo também um contributo de todas as entidades. O fluxo de informações entre o generalato e as entidades aumentou, substancialmente. Através da Zoom foram realizadas sessões de formação referentes à comunicação interna das Entidades com encontros presenciais na América Latina, em 2019.

+ *a Comissão da formação*: foi também constituída e permitiu a redação do segundo volume da Ratio e do Ritual monfortino da Profissão Religiosa, aprovado pela Sacra Congregação do Culto.

+ *a Comissão para a Justiça, para a Paz e Integridade da Criação*. Ainda que haja muitas iniciativas em várias entidades (Delegação geral da África anglófona, Colômbia, Equador, Indonésia...) a comissão encontra-se ainda em fase de criação. Pretende ser um lugar de informação e de partilha das experiências de todas as realidades monfortinas.

+ *a Comissão da Economia*: tem por objetivo ajudar o ecónomo geral. A comissão ajudou a pôr em pé diversos fundos de solidariedade (quer para a formação quer para a emergência da Covid) e ainda para apelar a donativos. Deu apoio a esforços de entidades para estabilizar o seu estatuto legal e a coordenar um sistema de solidariedade para confrades em idade avançada ou doentes (Índia e Delegação geral da África anglófona).

+ *a Comissão dos Associados*: permitiu clarificar quem é considerado “associado monfortino” e as exigências deste empenho. Também existe um boletim mensal – *Jesus vivente em Maria* – que está disponível em sete línguas.

+ *a Comissão da Espiritualidade*: é ela que deve dinamizar toda a congregação uma vez que esta fica frequentemente distanciada desta problemática. A comissão organiza, em cada ano, um “Encontro Monfortino” em Roma; também a secção “Espiritualidade Monfortina” e procura meios para enriquecer a secção FIM para os participantes enviados pela SMM.

+ *a Comissão para a Protecção dos Menores e das Pessoas Vulneráveis*: Na Colômbia foram organizadas sessões de formação, com duração de uma semana, para entidades da América latina e Caraíbas. Foram igualmente proporcionadas sessões de formação de três dias no Noviciado internacional de Montfort-sur-Meu, (na França) e também no escolasticado do Haiti. Foram também realizados encontros de formação, e de informação, durante as visitas, em Madagáscar, no Malawi e no Equador. Por todo o lado os confrades estão bem conscientes da seriedade do assunto em questão.

#### ALGUMAS CONVICÇÕES:

- A Congregação está revigorando, mas continua frágil em diversas regiões do mundo, tendo necessidade de ajuda multi-dimensional por parte de todos: em recursos humanos, em finanças, na formação, em competências...e na oração.

- Todos os confrades, cada um com a sua personalidade específica, anseiam por se comprometerem com o futuro da congregação, e é uma “Boa Nova” que também dá esperança. O campo da missão é infinito e requer os talentos e o entusiasmo de todos e de cada um.

- A cultura da congregação está a mudar progressivamente, e é preciso intensificar a corresponsabilidade, que é fonte de alegria e eficácia. Isto exige a cada um de nós de rever a sua obediência e o seu exercício da autoridade.



### **Tivemos TRAVESSIAS NA FORMAÇÃO...**

A formação é sobretudo a transmissão de um património – a tradição monfortina – que deve ser adaptada à cultura contemporânea e aos desafios das nossas diversas sociedades locais e nacionais. Permite atravessar a fronteira do tempo e das gerações. Devemos formar os confrades de modo a poderem adaptar-se a um mundo e a um vocabulário que muda rapidamente e a uma missão em rápida evolução. Permite além de mais uma evolução das nossas capacidades e da nossa compreensão do mundo; nisto é um caminho em direção aos outros.

- A abertura do noviciado italiano é um bom sinal. Reúne jovens provenientes de Itália, Croácia e Polónia e está aberto ao resto da Europa. Do mesmo modo, um outro sinal positivo é a presença no escolasticado de Roma de um escolástico da Grã-Bretanha, de origem filipina. Também o noviciado internacional da Colômbia é portador de esperança acolhendo este ano haitianos, colombianos e um nicaraguense... a formação na Índia envolve a diversidade cultural porque os candidatos provenientes de diversos estados é

um desafio. Um escolasticado está ganhando forma pela primeira vez na Papuásia Nova Guiné.

- O lugar de Maria na formação de cada monfortino é importante, mas como formar-se para partilhá-lo com os leigos, com os mais jovens? Como ser inovadores neste setor? Os cursos específicos do “Marianum” para os escolásticos na Itália são uma vantagem neste domínio. Na Índia são realizadas também sessões de mariologia.

- O estudo dos textos monfortinos é a pedra angular da Tradição e da modernidade. Deve dar-nos a nossa “coluna vertebral”. Nasceu a 3ª edição das obras Completas de Montfort em italiano, a 2ª edição na Colômbia e a 1ª em português. Foi traduzido em indonésio o “Tratado” (2019) e deverá seguir-se a tradução do “Segredo de Maria”. Os comentários a alguns Cânticos marianos nos Países Baixos contribuíram para dar a conhecer esta parte da obra de Montfort. Na mesma direção vai o colóquio universitário e o livro sobre Montfort e sobre os monfortinos na Bélgica.

- A formação de formadores é uma das naturais prioridades para o futuro da Congregação. Devemos ajudar os formadores a apresentar aos mais jovens a “aventura abrasada” de Montfort, com a pedagogia e os meios modernos. Algumas sessões de formação realizaram-se nas Filipinas (2018), Indonésia (2018), Colômbia e Equador (2019). No Madagáscar, alguns confrades fazem cursos num instituto intercongregacional para se prepararem a ser formadores. Os “Cursos para formadores da América latina” (CUPAFAL) continua a oferecer os seus serviços às entidades da América Latina e das Caraíbas: conferência Zoom em agosto 2020, cursos em setembro 2019 para os jovens candidatos.

- O acompanhamento dos jovens candidatos é muito importante. Em toda a Congregação, onde há etapas de formação, os

confrades estão muito atentos a esta exigência, que tem graves consequências para o futuro da missão e da Congregação.

- O uso dos recursos de formação na Internet pode ser uma ajuda muito eficaz a todos os níveis de formação. A formação de formadores em rede na América Latina pode ser um modelo para todos.

- A promoção vocacional, com o discernimento que implica, não pode ser descurada mesmo que ela seja difícil e pareça ser pouco “rentável” a curto prazo em alguns países, enquanto noutros, na África e na Ásia por exemplo, há muitas vocações que se devem avaliar e discernir. Por exemplo, no Peru-Brasil e na Colômbia, foi feito um grande esforço neste setor e está começando a dar os seus frutos. Na Ásia, equipas de confrades sensibilizam os jovens para a vocação monfortina.

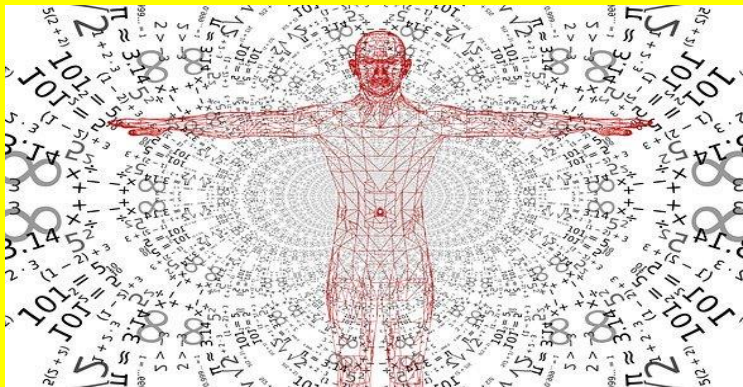
Na Itália foi instituído um Comité de formação para o acompanhamento e o discernimento vocacional. Em Portugal, o centro de animação vocacional de Fátima está numa fase de reestruturação e os postulantes são acolhidos no norte do país. Na Delegação geral da África anglófona, na Indonésia e Filipinas, uma casa de aspirantes possibilita o discernimento antes do pré-noviado.

- A formação contínua deve ser um hábito para que possamos permanecer “conectados” ao mundo e à Igreja nos novos desafios que surgem: pandemia, violência, bioética, ecologia integral, questão do género...Na Indonésia uma equipa de confrades preocupa-se que cada confrade tenha programa de formação contínua.

- A formação espiritual beneficiou de um renovamento no Peru-Brasil graças ao Centro Montfort e à abertura da “Livraria Maria” em Lima. Em diversas entidades verificamos um melhor seguimento das propostas que são feitas para sustentar a vida espiritual.

## ALGUMAS CONVICÇÕES:

- Todos sentimos a importância e as dificuldades de uma promoção vocacional em certos Países, não como recrutamento, mas para viver e fazer viver a alegria do Evangelho neste mundo frágil e pessimista, em caminho de afastamento do catolicismo. Temos o dever de não baixarmos os braços. Noutras entidades o discernimento vocacional é prioritário porque os candidatos são mais numerosos.
- A formação contínua em todas as fases da vida é essencial: qualquer que seja a idade dos confrades, devemos formar-nos para sermos plenamente missionários para o mundo de hoje: seja na missiologia, que na teologia, Sagrada Escritura, ecologia integral e ciências humanas e sociais.
- Precisamos de um equilíbrio na formação: formar-se diz respeito a toda a nossa humanidade e não apenas o nosso intelecto ou a nossa memória. Precisamos inventar uma formação monfortina integral, baseada nos nossos documentos de formação atualizando-os nos nossos diferentes contextos de missão.
- Ter um orçamento sólido para a formação é um investimento humano para o futuro. A formação é a pedra angular do dinamismo da nossa Congregação e do seu futuro.



## **Tivemos TRAVESSIAS NA SOLIDARIEDADE...**

- Com os leigos, em geral, e os associados: pedem sempre mais apoio e desejam partilhar a nossa missão. Assim no Equador e na Colômbia os leigos participam na missão dos confrades (casa de repouso, missão, formação...). No Uganda existe um bom grupo que se forma na espiritualidade monfortina e o mesmo ocorre na República Democrática do Congo. Nos Estados Unidos os leigos animam os santuários monfortinos tal como no Canadá. No Haiti e na Itália, os leigos participam com os confrades nas missões paroquiais. Em Fátima, Portugal na “Casa Montfort”, está-se a desenvolver um movimento de leigos. Nas Filipinas, os grupos de leigos são numerosos e ativos e estruturaram-se de maneira clara na associação “Maria Rainha dos Corações”. Na Indonésia os leigos são muito ativos, mas foi preciso anular o previsto encontro nacional de todos os grupos (devida à COVID). Os associados na Papuásia Nova Guiné estão muito comprometidos na vida paroquial.

- Para desenvolver uma verdadeira relação com os associados e os confrades mais jovens, devemos empenhar-nos a dar-lhes uma formação na espiritualidade monfortina adaptada à sua própria



realidade. Este é o caso da Colômbia, Indonésia, Filipinas, Papuásia Nova Guiné... e isso traz vitalidade.

- A solidariedade começa na própria casa. É reforçando a vida comunitária e o sentido de pertença à Congregação, que podemos ser verdadeiros atores de solidariedade à nossa volta. Assim na Índia o desafio da interculturalidade é constante e a celebração das jornadas inter-comunitárias “Montfort yuva Milana” (no outubro de 2019 com o tema da vida fraterna sem fronteiras) permitiu, de modo festivo, valorizar as diversas culturas.

- Confrades idosos que trabalharam muito na missão têm necessidade, com a idade e algumas vezes problemas de saúde, de um maior apoio por parte dos confrades. A Colômbia, como outras entidades, há algum tempo que preparou uma casa para os confrades idosos (obra a que a vice-província dos Estados Unidos dá atualmente apoio financeiro) onde podem viver verdadeiramente até fim o seu compromisso missionário monfortino. Na Indonésia uma casa desse tipo está em vias de construção.

- Na Congregação há os mais jovens e isto não pode ser esquecido. Eles requerem a nossa atenção pela formação, o acompanhamento missionário e para apoiar as suas iniciativas. No Malawi, Índia e Papuásia Nova Guiné, organizaram-se encontros para jovens confrades para dinamizá-los e acolher as suas sugestões. Na Itália também jovens confrades se encontram regularmente; o mesmo ocorre na Europa do Norte.

- A solidariedade passa também pelas realidades económicas. Deste modo na Índia e na África anglófona foi instituído um sistema de segurança social e de saúde para todos os confrades. Isto implica também a partilha de bens e a transparência económica entre nós. Algumas entidades apoiam financeiramente outras entidades com maiores dificuldades económicas.

No entanto, algumas entidades estão dependentes da Administração geral ou ficam em dificuldades financeiras.

- A nossa família espiritual não está sozinha na missão; colabora com outras congregações. A participação na animação da vida das dioceses em relação à vida consagrada é um verdadeiro serviço dado pelos confrades em diversos países.
- Os confrades da África anglófona estão empenhados em viver a experiência de culturas diversas entre quatro nacionalidades. Este é também o caso no continente indiano, lugar de grande diversidade cultural, mas também na entidade Peru-Brasil, etc. Nem sempre é fácil, mas é um sinal importante para a compreensão e a paz no mundo. As comunidades internacionais são sinais que apontam na mesma direção.

#### ALGUMAS CONVICÇÕES

- A congregação será viva se a solidariedade entre nós for ulteriormente reforçada no interior da cada comunidade, em cada país e entidade.
- Não devemos fechar-nos em nós mesmos (cf. Papa Francisco) mas promover a solidariedade em toda a sociedade. A missão tem sempre esta dimensão social e relacional.
- Mesmo que haja poucos jovens em algumas entidades, outras têm muitos. Estes jovens confrades impedem-nos de cair num discurso pessimístico e negativo (na realidade, é falso) quanto ao futuro da vida consagrada. Precisam de um apoio, da nossa amizade e de uma sólida formação.
- Os idosos são um tesouro a honrar. Cabe a eles apoiar as novas gerações partilhando alegremente a sua experiência.



## **A MISSÃO é o horizonte da cada nossa travessia**

Fala-se muito de nova evangelização para afirmar que é necessário, em todos os continentes e em todas as culturas, não se deixar levar por um pessimismo cínico. A tradição monfortina impele-nos a ir em frente e a ir no mundo inteiro, atravessando todas as fronteiras.

Muitos na Congregação desejariam uma avaliação da nossa atividade missionária para ver se estamos à altura dos desafios postos pela modernidade e se sabemos detetar as verdadeiras necessidades dos nossos países. Como proceder neste balanço prospetivo de maneira realística?

- Apoiar os mais jovens no começo do seu ministério é essencial porque a missão tornou-se mais difícil no mundo secularizado e os insucessos poderão ser traumáticos. Os primeiros anos do ministério deveriam receber a máxima atenção. No Norte da Europa ocorreram encontros dos jovens confrades para partilhar a missão; acontece o mesmo na Índia, na África anglófona, na

Itália, e na América Latina. Na Indonésia o segundo ano de pastoral escolástica é muito explicitamente um ano centrado na missão.

- O apostolado mariano foi relançado em diversas entidades, como na Bélgica, onde a revista bilingue dos confrades é muito apreciada. O centro de formação mariana de Medjugorje, instituído a pedido do bispo do lugar, é um trabalho inovador com confrades e associados. Os santuários dos Estados Unidos e do Canadá permanecem lugares significativos do apostolado monfortino e lugares de cura para os cristãos. Na Colômbia e Peru, confrades foram destacados para este apostolado mariano. No Peru o Zoom é também usado na preparação dos leigos para a consagração a Maria. Na Indonésia, uma revista anual da reflexão mariana prepara as pessoas a viver o mês do Rosário.

- A Ponchâteau - França, uma equipa de toda a família monfortina e um sacerdote diocesano, e em particular os jovens confrades presentes nesse lugar, estão empenhados na pastoral local. Têm também uma atividade de reconciliação para as mães que sofrem.

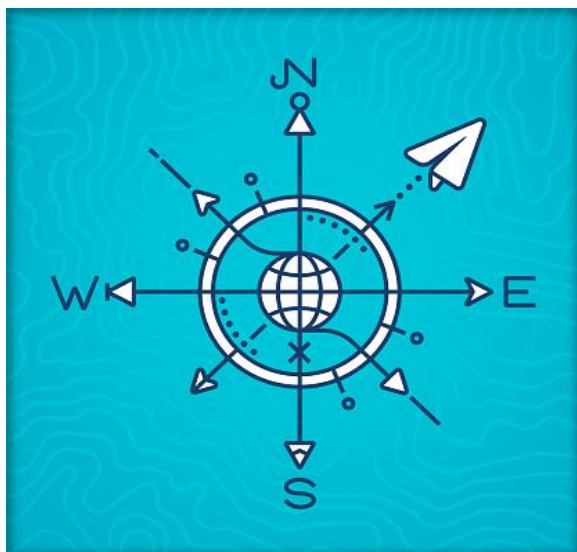
- As experiências de missões itinerantes (Equador, Índia, Indonésia) que retomam as intuições de Montfort encontraram uma promissora atualidade.

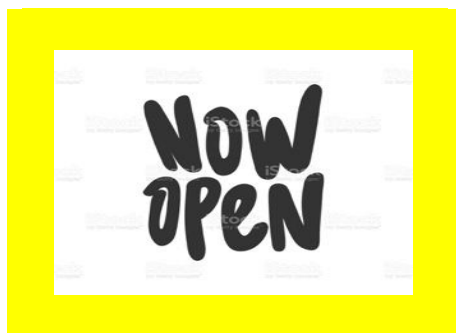
- Os confrades do Haiti têm um grande e belo projeto agro-pastoral para o bem-estar e a integração económica das populações. Este projeto está a avançar bem. Em França, na vila Saint Joseph à Pontchâteau – França oferece um lugar para acolhimento de pessoas em dificuldades e ajudá-las a reintegrarem-se.

- Na Papuásia Nova Guiné a cada sábado é inserida na Eucaristia uma intenção pelos missionários monfortinos do mundo inteiro. Na Indonésia diariamente é recitada uma oração em todas as comunidades pela vida missionária. Certamente noutras entidades não faltam momentos de oração pela missão e pelos missionários.

## ALGUMAS CONVICÇÕES

- A missão é imensa mas ela renova-se; novas formas de presença devem ser imaginadas para encontrar os que estão afastados da fé ou da Igreja.
- A verdadeira missão inicia nas nossas comunidades se elas são fraternas, fervorosas, alegres e abertas (Cf. Papa Francisco, no Sínodo dos jovens, *Evangelii Gaudium*, 113-114).
- A missão será tanto mais relevante quanto mais for “inter”: geracional, cultural, nacional.





Já se fez um caminho. Os testemunhos aqui recolhidos fizeram-nos descobrir uma verdadeira vitalidade. Mas não nos podemos acomodar aos nossos louros conquistados e eles existem, como vimos, porque ainda há zonas demasiado frágeis e dificuldades a ultrapassar. Sobretudo temos a levar a Boa Nova à maneira de Montfort, de modo “abrasado”.

Como avançar e continuar a peregrinação, não apenas até ao próximo Capítulo geral, mas mais além?

Segundo uma pesquisa lançada na Congregação pela Carta do Padre Luizinho de janeiro 2020, dois âmbitos devem ser enfrentados: as finanças e a formação (contínua e inicial). Alguns pontos mais precisos foram recolhidos nas reações das entidades; nós os retomamos para iniciar a discussão:

- 1)** Para alguns as quatro notas da missão monfortina estão enfraquecendo: É verdade?
- 2)** Para outros a formação não é suficientemente integral e não prepara muito na criatividade e no entusiasmo missionários necessários na sociedade contemporânea. É verdade? O que fazer?
- 3)** A formação permanente é o parente pobre da nossa vida monfortina. Como redescobrir o gosto pelo estudo, pela análise, pela leitura...em todas as idades da vida?

- 4)** A publicação da Ratio II é esperada com impaciência para ajudar-nos, mas os documentos da congregação estimulam-nos concretamente na nossa vida ordinária?
- 5)** Devemos formar os mais jovens na gestão e na liderança, no assumir responsabilidades...mas devemos também deixar que nos substituam e que inovem. Como garantir a passagem do testemunho entre gerações?
- 6)** Não damos suficientes recursos (finanças e pessoal) para uma formação sólida, inicial e permanente: É verdade? O que se deve providenciar?
- 7)** Em que ponto estamos em termos de autofinanciamento, autossuficiência, por parte da entidade? Como progredir realisticamente dando prioridade à missão? Como ajudar as entidades economicamente dependentes?
- 8)** Todos desejam uma boa gestão transparente, mas como se pode realizar este desejo na prática? Como podemos conjugar confiança e controlo ao serviço do bem comum?
- 9)** A venda de edifícios e a passagem de obras a outros impõem-se em algumas entidades, enquanto noutras são necessárias construções. Que política comum neste campo tão complexo?
- 10)** Que outras propostas quanto ao tema das finanças e da formação?

Pedimos para responder a estas perguntas do modo o mais concreto possível.



Este livrinho, fruto da partilha de todos (respostas das entidades e reflexão da Administração geral) não pode ser completo. Não esgota a riqueza da congregação. Cabe agora a todos, sozinhos ou em equipa, completá-lo acrescentando as vossas reflexões, as vossas sugestões, as vossas questões, as vossas propostas.

Pe. Luiz Augusto STEFANI, SMM  
Superior geral  
e os membros da Administração geral

*Agradecemos penhoradamente ao Pe. M. Vieira pela tradução do texto para a língua portuguesa e ao Pe. Horácio Segura pela sua revisão.*